

SUBSÍDIO PARA AS CONSTITUIÇÕES DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS

A.D. 2020



Capítulo XI das Constituições: A nossa vida na Castidade Consagrada *fr. Luigi di Palma OFMCap*

A castidade consagrada é anúncio e testemunho que só a riqueza do amor de Deus consegue colmar na pobreza do coração do homem, correspondendo ao seu profundo anelo de plenitude e de alegria. Cristo Jesus realizou esta possibilidade assumindo com a sua Encarnação a natureza humana e fazendo-a participante do dom supremo do Espírito Santo através da sua morte e ressurreição.

O consagrado é chamado, através do conselho evangélico da castidade, a afirmar com toda intensidade e totalidade de sua vida que não há amor maior que este: o amor que jorra do próprio coração da Trindade para unir indissolavelmente o homem a Deus e reconduzi-lo à vida, quando o amor recebido do Pai se traduz em amor sem medida pelos irmãos.

São Francisco, pobre e humilde de coração como Cristo, considerou a castidade como condição de transparência interior para chegar a “ver a Deus” e, expulsando todo espírito de apropriação egoísta dos afetos e da vontade, estender a todas as criaturas o vínculo universal da fraternidade e da paz.

O seguinte aprofundamento sobre o Capítulo XI das Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, *A nossa vida na castidade consagrada* (cf. Const. 169-174), representa uma bela oportunidade para considerar o quanto uma equilibrada, livre e fecunda vida de castidade possibilita ao frade menor manifestar a força transfigurante do amor de Deus; e por outra parte, quanto só a graça do Espírito Santo pode gerar através dele, mediante a castidade, relações de profunda comunhão fraterna e gestos de intensa e generosa caridade.

1. O dom da castidade consagrada

A opção da castidade consagrada representa um especial dom (carisma) de Deus, correspondido a alguns pela graça do Espírito Santo (cf. Const. 169, 1). Isto é manifestado na profundidade da vida batismal e emerge com particular evidência no momento no qual se delinea a chamada à consagração¹.

Pode-se de fato afirmar que, o desejo de viver a castidade representa de qualquer modo um sinal claro da vocação, *sequela Christi*: aquilo que mais propriamente manifesta a natureza mesma da vida religiosa, marcado precisamente pela experiência do amor de Deus². Portanto, em nenhum caso, tal desejo pode depender unicamente da vontade humana, exceto quando ele próprio se transforma, no que lhe concerne, em uma livre resposta à chamada recebida.

Àquele que é chamado à consagração, o amor de Deus lhe faz morada como realidade que supera “outros amores”, do qual não se pode prescindir de viver. Tal amor se transforma no único capaz de dar sentido e plenitude à existência. Isso coincide com o Reino de Deus (cf. Mc 1, 15): razão pela qual quem escolhe a castidade anuncia a proximidade de Deus aos homens, que se faz misericórdia com eles, especialmente com os últimos³.

No que diz respeito à origem, o dom da castidade brota fundamentalmente do amor trinitário que une o Pai ao Filho no Espírito Santo (cf. Const. 169,2) e que, portanto, é compartilhado com o homem para que este seja introduzido- através da mediação do Filho- no círculo da intimidade divina, marcado pela condescendência por parte do Pai e correspondência por parte da criatura.

Em razão da íntima experiência de conhecimento, comunhão e participação no amor trinitário, a castidade se converte em transparência deste amor que, de dom recebido (carisma) se faz dom restituído ao doador (virtude), através da sensível e generosa dedicação ao bem humano e espiritual dos irmãos (cf. Const. 169,2). De fato, sem a relação direta e profunda com a caridade não é possível compreender o significado nem desenvolver o papel deste conselho evangélico mediante o qual, a afetividade e a sensualidade, bem integrada e orientada, contribuem a acolher e traduzir em atos concretos o dom da caridade nas relações de comunhão e solidariedade, superando todas as formas de prevaricações e privilégios de si⁴.

Dessa forma, aquele que é chamado à castidade consagrada vive constantemente sob a influência da beleza divina (cf. Const. 169,3), que consiste na participação no Amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo que é fonte de estupor, alegria, contentamento do coração e desejo de anunciar a benevolência de Deus aos homens⁵.

Entretanto, ser atraído pela beleza divina, em virtude do Espírito Santo, quer dizer de maneira concreta deixar-se fascinar pela pessoa e pela vida mesma de Cristo, pelo qual o consagrado configura-se colocando- como o Filho- a vontade do Pai sobre todas as outras vontades, cooperando assim ao advento do Reino futuro (cf. Const. 169,4). É exatamente

¹ Cf. Concílio Vaticano II, Decreto *Perfectae Caritatis*, 12.

² Cf. Vázquez A., voz “VOTI RELIGIOSI”, in Aparicio Rodriguez A.- Canals Casas J.M. (a cura di), *Dizionario teologico della vita consacrata*, Ancora, Milano 1994, p. 1961.

³ Cf. Aparicio Rodriguez A., voz “CASTITÁ”, in Aparicio Rodriguez A. – Canals Casas J.M. (a cura di), *op.cit.*, pp. 220-221.

⁴ Cf. Frattallone R., voz “CASTIDADE CONSAGRADA”, in Russo G. (a cura di), *Enciclopedia di bioetica e sessuologia*, Elledici, Leumann (Torino), 2004, p. 437.

⁵ Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, 16.

este o desejo: dispor o coração para acolher o amor de Deus na chamada à castidade, como dom “exclusivo” de Cristo Esposo (cf. Jo 15,16) para vivenciá-lo na Igreja como cometido “universal” a favor da salvação de todos os homens e mulheres (cf. Mt 19,21)⁶.

A pessoa e a vida do Filho Unigênito de Deus representa, portanto, o modelo que as pessoas consagradas têm como referência e a fonte da graça, através da qual, elas conseguem viver a castidade segundo o Evangelho. Jesus fez da sua escolha de vivência da castidade um novo modo de estabelecer a comunhão filial com o Pai, a relação fraterna com os homens e o serviço inteiramente direcionado ao bem do mundo⁷.

O assumir da natureza humana por parte do Verbo, em vista do sacrifício supremo da sua vida, é já simbolicamente contida na decisão que Jesus de Nazaré fez no seu viver a castidade como disponibilidade plena ao amor de Deus pelos homens: um amor que, através da oferta total de si, manifesta a vitória do Espírito Santo sobre a relatividade e inconsistência das realidades humanas sujeitas ao domínio do mal, do pecado e da morte⁸.

É neste sentido que a escolha da castidade constitui um vínculo essencial para poder, com o coração indiviso, amar a Deus em todos os irmãos (cf. Const. 169, 5). Esta não é uma simples renúncia da vida afetiva e sexual ou do matrimônio, mas é manifestação do amor de Cristo, feito muitas vezes de solidão e oblação. Este amor tende a ser grande porque é maximamente livre, gratuito e generoso e tem em si a força de promover comunhão e caridade, em vista da segura conquista dos bens da justiça, da fraternidade e da paz que serão parte integrante do mundo futuro. Por este motivo a vida de castidade, considerada na sua capacidade de transfigurar em virtude do amor de Deus em primeiro lugar as relações fraternas dos consagrados, carrega consigo um forte testemunho profético e de dedicação missionária (cf. Const. 169,6).

Jesus Cristo, de fato, viveu a castidade consagrada para amar profundamente Deus como Pai e os homens como irmãos (especialmente os pobres, sofredores, marginalizados, oprimidos, pecadores), assumindo a comunidade como sua verdadeira família e ensinando aos discípulos a imitá-lo (cf. Mt 23, 9), superando todo tipo de lógica de poder para afirmar aquela do serviço⁹.

Aquele que escolhe viver a castidade consagrada foi conquistado pelo amor de Cristo e criou com ele uma profunda relação de identificação e de pertença, fazendo surgir um forte desejo de pertencer a ele de modo exclusivo e total para participar com ele na missão do Reino, particularmente através do testemunho de um amor oferecido a todos. Vincular-se a Cristo para depois segui-lo com o coração indiviso transforma enfim, a exigência fundamental e irrenunciável que permeia em profundidade toda a existência do consagrado. É em razão desta relação que o dom da castidade, uma vez recebida, deve necessariamente transformar-se em estável e fecundo empenho de vida (cf. Const. 170,1)¹⁰.

Assim como as formas do amor humano- corporal, social e espiritual- se conectam entre si e na vida das pessoas de acordo com uma recíproca “pertença” (pela qual uma se vale da outra e ao mesmo tempo a sustenta), esta “pertença” se estende em términos de amor

⁶ Cf. Aparício Rodriguez A., voz “CASTITÀ”, in Aparício Rodriguez A.- Canals Casas J.M. (a cura di), op.cit., pp. 244-245.

⁷ Cf. IBIDEM, p. 241.

⁸ Cf. IBIDEM, p.242.

⁹ Cf. IBIDEM, pp. 249-253.

¹⁰ Cf. Frattallone R., voz “CASTITÀ CONSACRATA”, IBIDEM.

também na relação entre o homem e Deus: na linguagem bíblica a temos muito bem representada pelo termo “esponsalidade”¹¹.

Aquele que no matrimônio se une a uma outra pessoa revela a centralidade do outro para transcender-se no amor. Nesta relação a afetividade e a sexualidade atuam conjuntamente no exprimir a capacidade de amar e promover a vida no sentido natural e humano. Por outro lado, aquele que, escolhendo a castidade consagrada se une a Deus em Cristo, revela a centralidade da relação com Ele para transcender-se no amor, não obstante superando toda particular referência humana e antecipando no tempo a condição do que seremos plenamente no fim dos tempos. Nesta relação a afetividade e a sexualidade não agem conjuntamente na expressão da capacidade de amar e de promover a vida no sentido humano e propriamente espiritual¹², mas estão sujeitas ao valor, às condições e aos términos da chamada à consagração.

Na pessoa e na vida de Cristo a “esponsalidade”, através da própria castidade, está em virtude do Espírito Santo, que aperfeiçoa esta “pertença” a Deus e aos homens. Tal pertença é por ele vivida como um vínculo exclusivo, indissolúvel, apaixonante, generoso e fiel com a vontade e o amor de Deus do qual tem origem e no qual retorna todos os seus sentimentos, desejos, relações, participações e oferta¹³. A pessoa consagrada vive sob os reflexos desta pertença sponsal que, em virtude de Cristo, representa uma graça e, ao mesmo tempo, um esforço incessante para corresponder a este amor.

Sem estas fundamentais motivações de fé, a castidade é privada do seu significado mais profundo e da sua força ideal para construir o Reino; e, por ende, o consagrado não poderá sustentar a sua existência.

2. A dimensão afetiva e sexual na castidade consagrada

Na vida da pessoa consagrada a afetividade e a sexualidade continuam a subsistir: a primeira enquanto capacidade de amar e ser amado e a segunda como expressão da própria identidade masculina e feminina que tendem à complementariedade, que não deve interpretar-se somente no sentido da genitalidade.

Em tudo isto o consagrado deve fazer convergir, no modo devido, a afetividade e a sexualidade, seja na abertura geral às pessoas; como também na aceitação serena daquela solidão que a castidade em um certo modo comporta. Os problemas de uma castidade mal-vivida começam antes de tudo da dificuldade em direcionar-se neste sentido¹⁴.

Por outro lado, a afetividade e a sexualidade, estando estreitamente ligadas entre si, de algum modo, devem ser reciprocamente orientadas. Portanto, assegurar, por exemplo, que o consagrado possa exprimir a sua própria afetividade com os confrades ou com familiaridade, compartilhando e participando com aquilo que é capaz; beneficiar-se de um contexto de relações comunitárias caracterizadas pelo acolhimento, estima, compreensão, benevolência; usufruir de uma rica experiência espiritual, empenhar-se em atividades de acordo com sua sensibilidade e capacidade, etc., favorece certamente um adequado equilíbrio tanto na relação com a própria dimensão afetiva quanto nas relações com os

¹¹ Cf. Roggia G.M., voz “VERGINITÀ”, in Russo G. (a cura di), op cit., p. 1775.

¹² Cf. IBIDEM, pp. 1776-1777.

¹³ IBIDEM.

¹⁴ Cf. Aparicio Rodriguez A., voz “CASTITÀ”, in Aparicio Rodriguez A.- Canals Casas J. M. (a cura di), op. cit., p.263.

outros e nas exigências da escolha feita, em consonância com os objetivos e com os deveres que dela derivam.

Tudo isso há uma influência positiva na gestão da sexualidade que, não obstante, se não se consegue viver assim, há um grande risco que estem impulsos possam retornar e emergir de modo insistente, colmando o isolamento e compensando a insatisfação pessoal através de gratificações que não lhe são próprias.

Depois desta premissa, aprofundaremos de maneira muito maior o que, na verdade, significa a afetividade e a sexualidade.

A afetividade é a capacidade de “sentir afeto”, isto é, de perceber um sentimento de ligação em relação a alguém (ou alguma coisa), a tal ponto de se chegar a estabelecer e manter com esta pessoa uma relação de benevolência, de amizade, de amor possivelmente recíproco. Esta conexão pode se tornar de tal modo significativa e intensa que pode constituir-se em razão que dá sentido e realiza a própria vida¹⁵.

Quando a afetividade é madura- em qual seja a espécie de âmbito social (familiar, amizade, casal)-, possibilita à pessoa de criar uma relação caracterizada pela sinceridade, confiança, respeito, sensibilidade, liberdade, gratuidade, generosidade e fidelidade ao valor da presença do outro evitando de submetê-lo de maneira possessiva e instrumentalizada às próprias necessidades e interesse. Dessa maneira se pode afirmar que uma afetividade madura, possibilita uma relação de verdadeira comunhão e participação entre pessoas, sempre respeitando reciprocamente as suas liberdades.

Por outro lado, uma afetividade imatura é aquela que não é trabalhada de maneira adequada e por vezes, assume um viés, negando a liberdade do outro; ou ainda quando não permite de nenhum modo a aproximação do outro, impedindo que se forme uma verdadeira ligação.

Pela sua natureza, a afetividade é caracterizada por um movimento circular de “dar” e “receber” pelo qual, quando o afeto é adequadamente direcionado ao outro, isto gera um retorno e enriquece a própria identidade¹⁶.

O consagrado necessita poder de maneira oportuna sustentar-se e alimentar-se do ponto de vista afetivo, aproveitando a variedade de relações que fazem parte da sua vida e vocação.

Um tipo de relação, por exemplo, é representada por aquela com a família de origem, a qual permanece o fundamento do desenvolvimento do sentido de identidade e da inteira personalidade; o âmbito pelo qual alguns receberam as primeiras noções daquilo que é a verdade e o bem; o lugar onde viveram as primeiras e importantes experiências de amor recebidas e de amor ofertadas assim como da fé pregada e testemunhada. Apesar da distância e do tempo, para o consagrado a família de origem permanece como um importante recurso para recuperar as suas raízes, o sentido da história da sua vida- especialmente com relação ao chamado de Deus-, o afeto e a estima dos entes queridos ajudam a perseverar na escolha e no esforço da própria missão. Entretanto, cabe ressaltar que nem sempre as coisas são assim e a relação com a família pode não ser proximidade.

No entanto, não seria banal acrescentar que a família natural representa, de um certo modo, um modelo no qual a Igreja e a vida comunitária dos consagrados pode e deve fazer referência¹⁷: por exemplo, um superior em relação aos confrades poderia manifestar uma

¹⁵ Cf. Padovese L., voz “AFFETTIVITÀ”, in Russo G. (a cura di), op.cit., p.46.

¹⁶ Cf. IBIDEM, p. 47.

¹⁷ Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 64.

verdadeira paternidade quando consegue orientar, sustentar e cuidar; ou os confrades poderiam compartilhar reciprocamente entre eles relações que apontariam para o acolhimento, o diálogo, a benevolência sentindo-se verdadeiramente participantes e responsáveis uns dos outros. Por isso a fraternidade pode e deve ser justamente concebida, em virtude do amor preferencial de Cristo pelos seus, uma “nova família” (cf. Const. 173,6).

Um segundo tipo de relação, afetivamente importante para o consagrado, é indubitavelmente aquela favorecida pela possibilidade de criar e manter relações de amizade, sobretudo no interior da própria fraternidade. Neste caso, é necessário recordar que a vida de castidade, enquanto recebe sustento da vida comunitária, é chamada também a sustentar através da criação dos vínculos as relações fraternas.

Também com as pessoas externas ao âmbito da fraternidade é lícito realizar e conservar relações de amizade suscitadas pela familiaridade humana, pela partilha dos mesmos ideais e pela colaboração na realização das obras. Tal amizade seja caracterizada pela abertura, diálogo, sustento, mas também clareza, prudência, renúncia de exclusivismos e exclusões¹⁸. Aprofundaremos em seguida nestes aspectos.

Com relação à sexualidade, a vida de castidade requer enfrentar, com a ajuda da razão e da vontade, o contínuo retorno dos impulsos sexuais que pedem de modo exaustivo para serem satisfeitos. Estes últimos, devido à sua própria natureza, não tendem facilmente a assegurar as reflexões da razão e tornam-se em atitudes da vontade, que inclusive podem reforçar-se. Eles, por outro lado, se deixam mais docilmente conter-se e orientar-se por uma perspectiva de valor, colocando-se de qualquer modo ao serviço da comunhão e da caridade; e assegurando como consequência ao consagrado a possibilidade de ser uma pessoa serena e rica de amor.

No exercício da castidade a sexualidade não se reduz somente ao ato genital, o qual evidentemente é somente um aspecto de todos que a compõe. A sexualidade tem suas raízes na biologia e fisiologia humana, mas representa uma dimensão muito mais ampla que especifica a pessoa no seu ser “masculino” ou “feminino” (no modo de perceber a realidade, de pensar, de sentir afetivamente, de querer, de tecer relações, de operar, de conectar-se a valores, de viver a religiosidade) e a direciona à complementariedade do outro.

Enquanto genitalidade e procreatividade, a dimensão sexual não é nada de se desprezar, mortificar, mas de acolher devidamente e respeitar. Um excessivo e não equilibrado empenho em satisfazer (com a continência) as pulsações sexuais, na sua incansável tentativa de ser satisfeita, pode comportar- na vida religiosa como bem naquela comum- algumas problemáticas¹⁹.

Uma dessas problemáticas é representada pela repressão forçada que consiste no controle, consciente, mas fortemente imposto, das pulsações sexuais que tenderiam a atenuar-se, fugindo do campo da consciência por um certo tempo (remoção) mas fazendo, todavia, retornar através das manifestações de tensões internas não imediatamente explicável: na verdade, estas são o resultado de uma realidade oposta às pulsões ao nível

¹⁸ Cf. Vidal Garcia M., voz “SESSUALITÀ”, in Aparicio Rodriguez A. – Canals Casas J.M. (a cura di), op. cit., pp. 1642-1643.

¹⁹ Cf. IBIDEM, p. 1640.

inconsciente que se traduz em estados sintomáticos caracterizados pela preocupação, angustia, obsessão, indecisão, sentido de culpa, irritabilidade, abatimento, etc.²⁰

Outra forma de relação problemática com as pulsações sexuais é representada pela falsa sublimação, que consiste no surgimento de formas muito idealizadas- e, portanto, desencarnadas- de espiritualidades que tendem à rigidez, ao perfeccionismo e ao formalismo²¹.

A vida de castidade considera a sexualidade não somente sob a ótica da integração com as outras dimensões da pessoa; mas também e sobretudo, com o significado e o valor da escolha realizada, pelo qual, se o consagrado renuncia voluntariamente à genitalidade e à procriação, por outro lado, atribui à sexualidade uma característica de fecundidade no sustentar, a oferta livre e gratuita de um amor que deve gerar na caridade para somente o bem do próximo. A integração da sexualidade do consagrado na sua escolha de vida só pode ser obtida sobre a base de uma reconhecida maturidade psicológica-sexual que comporta: uma adequada aceitação da sua condição sexual (identidade de gênero masculino ou feminino) e da condição que isto comporta em termos do papel social (identidade de social); orientação heterossexual caracterizado por uma adequada consciência e capacidade de gestionar os impulsos sexuais no interna da relação com o outro sexo; capacidade de relacionar-se com a própria sexualidade sem rigidez e sentido de frustração, sustentando a renúncia à vida sexual mais como uma possibilidade que como uma perda em vista de poder progredir no amor de doação.

Em síntese, a sexualidade, integrada na castidade, contribui a dotar a pessoa de uma energia bio-fisiológica e psicológica que ajuda a transcender-se, fazendo-a produtiva e criativa em vista do serviço aos demais²².

Em tudo isso deve ser especificado que a escolha da castidade consagrada- no seu sentido de sinal profético do reino- não vai entendida como um desprezo do significado e do valor do matrimônio e da vida familiar, que, pelo contrário, representam um caminho privilegiado através do qual o amor de Deus vem acolhido na sua expressão mais estreitamente natural e humana. A escolha da castidade é considerada complementar àquela matrimonial e familiar, estabelecendo com esta última uma harmoniosa e frutuosa relação de colaboração (cf. Const. 173, 7)

3. A Castidade consagrada, significados e aspectos

Se tentássemos definir o que significa o termo “castidade” nos encontraríamos diante de diversos conceitos.

No sentido comum, com “castidade” se entende antes de tudo o domínio de si (“senhorio”) sobre a esfera afetiva e sexual, significa conseguir conter a satisfação e os impulsos que dela derivam. Ora, esta capacidade de controle sobre os impulsos afetivos-sexuais constitui, acima de tudo, uma necessária característica de maturidade humana que cada pessoa, através dela, deve empreender para superar-se a si mesmo e progredir em direção a margens muito maiores de liberdade com respeito à força dos impulsos e das

²⁰ Cf. Aparicio Rodriguez A., voz “CASTITÀ”, in Aparicio Rodriguez A. – Canals Casas J.M. (a cura di), op. cit., pp. 1640

²¹ Cf. Vidal Garcia M., voz “SESSUALITÀ”, in Aparicio Rodriguez A.- Canals Casas J.M. (a cura di), op. cit., p. 1640.

²² Cf. IBIDEM, p. 1641-1643.

necessidades primárias²³. Portanto, se pode concluir que de qualquer modo a castidade é um aspecto que deve ser encontrado na natureza do desenvolvimento afetivo e sexual de todos os homens e mulheres. Assim, se tende à maturidade na medida em que há um esforço de libertar-se cada vez mais dos condicionamentos dos impulsos e das necessidades primárias que se fecham na autorreferencialidade (egocentrismo); cultivar as relações e o diálogo como manifestação da abertura à intersubjetividade; assumir a responsabilidade das escolhas de vida; tolerar o peso das dificuldades e das renúncias e sustentar com atenção e empenho a condição do outro (altruísmo).

Também no sentido estritamente espiritual e ascético, a castidade é compreendida antes de tudo como “domínio de si” (continência sobre a esfera afetiva-sexual conforme a condição específica ou escolha de vida (conjugal, viuvez, celibatária, consagrada), afim que a pessoa obtenha as virtudes necessárias ao seu estado, aquela disposição estável e adequada para poder realizar bem e na forma e no grau necessário. Neste sentido, no desenvolvimento da vida de castidade adquire particular importância saber exercitar a temperança, como função reguladora que consiste em limitar as necessidades do prazer e garantir o controle da vontade sobre os instintos (cf. Const. 172,2): coisa que requer vigilância e disciplina de vida, pois, pela intrínseca natureza, tais impulsos possuem notável força de atração, em razão do fato que eles estão ao serviço da transmissão da vida (cf. Const. 172,4).

Todavia, a castidade não é simplesmente uma característica para considerar-se só desde a maturidade humana, nem se resume em apenas uma atitude espiritual- ascética. Na verdade, ela deve ser entendida como um “modo de abertura”, pois tende a unificar a pessoa a si mesma (corporeidade, instinto, prazer, emotividade, racionalidade, relação, afetividade, procriação, moralidade, religiosidade, etc.), a fazendo capaz de relações profundas e significativas e promovendo-a como agentes de transformações no mundo²⁴.

Esta consideração nos aproxima ainda mais do significado que o termo “castidade” assume quando faz referência à vida consagrada.

No entanto, vejamos que na linguagem pertinente à vida consagrada encontramos, junto à “castidade”, também os términos de “celibato” e “virgindade”, fazendo com que seja necessário distinguir e aclarar o sentido que cada termo comporta, pois muitas vezes são usados indistintamente como sinônimos.

Os términos “celibato” e “virgindade”- respectivamente o primeiro para o homem e o segundo para a mulher- designam de maneira geral a condição de quem não é casado e não exercita concretamente a própria vida sexual por razões que, não sendo de característica exclusivamente religiosa (como a realização de certos valores humanos), todavia não exprimem desrespeito e dificuldade no confronto da sexualidade e do matrimônio.

Além disso, enquanto o termo “celibato” indica, mais que outra, uma condição sexual, o da “virgindade”, possuindo uma conotação especificamente feminina, refere-se à integridade física da pessoa.

Em todos os casos, que seja ou não casada- de modo a exercitar ou não a própria vida sexual-, é importante que a pessoa cresça livremente na capacidade de relacionar-se consigo mesma e com o aspecto masculino ou feminino dos demais; receber amor, ao

²³ Cf. Attard F., voz “CASTITÀ”, in Russo G. (a cura di), op. cit., p.431.

²⁴ Cf. IBIDEM, p. 433.

mesmo tempo, oferecer suas energias afetivas para amar ao próximo; de vencer a tendência de possessão e de instrumentalização dos demais²⁵.

Agora com respeito ao “celibato” e à “virgindade” a castidade se coloca em outro nível. De fato, quem escolhe viver em castidade- como por exemplo a pessoa consagrada- renuncia livremente ao matrimônio e ao exercício concreto da própria sexualidade, fazendo esta opção por motivos exclusivamente ligados ao específico chamado recebido: ou seja, o chamado para escolher e seguir exclusivamente a Cristo; testemunhando o primado de Deus e a esperança nos bens futuros por ele prometidos; guiando e servindo os irmãos no caminho da salvação²⁶.

A razão e o fim da castidade consagrada é, portanto, receber de Deus o amor e doá-lo aos irmãos (caridade) para o verdadeiro bem das suas vidas. Este amor humano, e sobretudo espiritual, se desenvolve, se purifica e se aperfeiçoa através de um incessante processo de conversão, que nos tira do egoísmo e nos leva ao dom de si, que se estende a todas as fases da vida e tende a envolver todas as dimensões da pessoa (fisiológica, psicológica, social, moral, religiosa) (cf. Const. 172,1).

Isto atribui à castidade, muito mais que somente um aspecto ascético, sobretudo um aspecto afetivo-oblativo chamando atenção a que a insensibilidade, a indiferença, a intransigência, o temor, a pobreza e a mediocridade dos sentimentos não ponham obstáculos à liberdade e generosidade da caridade²⁷.

Por outro lado, ainda no que se refere à esfera sexual, a vida de castidade não aprova atitudes de desprezo, aversões, mortificações forçadas ou a anulação da corporeidade sexual: a castidade é mais que uma crítica da tendência indiscriminada a exaltar o corpo como fonte de sexualidade e sedução. Ela aponta que tudo o que emerge do corpo como apelo sexual não representa um irrenunciável direito natural, mas ao contrário, está sujeito a ser inserido em uma relação muito mais profunda e ampla entre as pessoas que é feita de acolhimento, respeito, diálogo, acordo, renúncia, compaixão, solidariedade²⁸.

Deste discurso surge de maneira imediata que a castidade pode ser compreendida, acolhida e praticada somente como uma dimensão de “valor” (social, ético, religioso), ou melhor, “espiritual”, que possibilita a conquista de metas que vão mais além da dimensão estreitamente natural e histórica do homem, chegando a aperfeiçoá-lo de acordo com aquela única e fundamental dimensão que o possibilita a ser plenamente humano: o amor.

Ao contrário, se por acaso a castidade, a partir de um dado momento se transformasse em desprezo da natureza, de fechamento em direção aos outros, de autossuficiência, de presunção, etc., ela assumiria no lugar disso, as características de coerção e falsidade da vida afetiva-sexual, escravizando-se a uma mera complacência de si vazia de sentido, suscetível de trazer mais cedo ou mais tarde à pessoa comportamentos egoístas ambivalentes e extremistas²⁹.

Todavia, escolher a castidade consagrada não significa negar desejos e necessidades. Os desejos são exigências necessária à sobrevivência e uma vez satisfeitos se reapresentam (comer, beber, abrigar-se, repousar, cuidar-se, etc.) para assegurar o equilíbrio da vida

²⁵ Cf. Ferasin E., voz “CELIBATO”, in Russo G. (a cura di) op cit., pp. 443-444.

²⁶ Cf. *Lumen Gentium*, 42-44; *Perfectae Caritatis*, 12; *Optatam Totius*, 10; *Presbyterorum Ordinis*, 16; cf. Anche Frattallone R., voz “CASTITÀ CONSACRATA”, in Russo G. (a cura di), op cit., pp. 433-434; p. 436.

²⁷ Cf. Aparicio Rodriguez A., voz “CASTITÀ”, in Aparicio Rodriguez A.- Canals Casas J.M. (a cura di), op.cit., p. 262.

²⁸ Cf. *IBIDEM*, pp. 254-255.

²⁹ Cf. Frattallone R., voz “CASTITÀ CONSACRATA”, in Russo G. (a cura di), op. cit., p. 432.

natural. Associados a estes, existem outros motivos mais sensíveis ao crescimento pessoal no sentido psicológico, social, moral e religioso que se apresentam com o nome de “desejos” (conhecimento, pertença, relacionalidade, proximidade-intimidade, paternidade-maternidade, amizade, amor, liberdade, criatividade, comunhão, serviço, fé, etc.): eles adquirem força à medida em que são realizados. A este respeito se pode afirmar que a castidade possibilita aos desejos humanos a conversão e a elevação rumo aos desejos de Deus, porque é inconcebível uma verdadeira vida sem verdadeiros desejos³⁰: sobretudo aqueles relacionados a ser feliz.

O consagrado, também através do exercício da castidade, tem consciência de poder ser uma pessoa autenticamente feliz. Ele deriva a sua felicidade daquilo que é melhor e destinado a durar, respeito àquilo que é medíocre e destinado a passar. Ele sabe que esta felicidade é dom da Palavra do Espírito: sem deixar de considerar as incertezas, dificuldades, fadigas, renúncias e desilusões, tem certeza que não poderia haver outras belezas e riquezas que não fosse aquela de viver em Cristo. Por isso, mediante o exercício de uma castidade equilibrada e frutuosa, ele se abre com alegria e paixão à escuta, à conversão, ao discernimento, ao louvor, à comunhão fraterna e à caridade³¹.

Exprimir-se adequadamente no sentido afetivo e reconduzir os impulsos da sexualidade aos limites de um equilíbrio que possibilite o dom de si, possibilita que a castidade seja uma torrente de vitalidade humana e espiritual, capaz de fazer renascer-se a si mesmo e aos outros³².

Em síntese, a castidade do consagrado representa a capacidade de acolher e de manifestar-se (na vivência, nas relações e ações), sem a estreita necessidade de outra mediação humana, um amor que não pode derivar senão de Deus: um amor capaz de criar vínculos de profunda comunhão e de concretizar-se em gestos de generosa doação, em vista do verdadeiro bem humano e espiritual do próximo³³.

Privada da profunda relação com o amor de Deus, a vida de castidade pode facilmente converter-se em falsidade, correndo o perigo de reduzir-se unicamente a uma renúncia da manifestação afetiva-sexual daquele que se consagra. A castidade, mais que limitar ou excluir de maneira imprópria a afetividade e a sexualidade no campo da vivência, das relações ou das escolhas de vida do consagrado, consiste, em vez disso, de vivê-la de maneira decididamente rica e comprometida.

4. O compromisso de viver a castidade consagrada: sinais indicativos, exigências e problemáticas

A vida de castidade compreende os diversos níveis de expressões do amor, integra-os harmoniosamente e orienta-os segundo o sentido de valor e de fé da pessoa: o nível fisiológico (*eros*, amor de desejo), o nível social (*philia*, amor dividido) e o espiritual (*ágape*, amor de comunhão- doação).

³⁰ Cf. Aparicio Rodriguez A., voz “CASTITÀ” in Aparicio Rodriguez A.- Canals Casas J.M. (a cura di), op. cit., pp. 270-271.

³¹ Cf. *IBIDEM*, pp. 266-267.

³² Cf. *IBIDEM*, pp. 264-265.

³³ Cf. Frattallone R., voz “CASTITÀ CONSACRATA”, in Russo G. (a cura di), op. cit., p.434.

Para o consagrado a castidade é fundamentalmente compreensível somente em razão da chamada para seguir a Cristo com o coração indiviso e cooperar com disponibilidade ao advento do Reino em vista da salvação dos homens³⁴.

Considerando a importância destes motivos tão fundamentais, se pode agregar que a vida de castidade representa um empenho que requer particular cuidado e fidelidade. De fato, a castidade consagrada necessita inserir-se em um processo que compreenda seja a maturidade humana, como a conversão-purificação espiritual, inclinando-se a acolher e manifestar a caridade em uma medida cada vez mais alta³⁵.

Em vista da realização deste objetivo, o consagrado deve possuir uma certeza moral sobre a possibilidade de que ele efetivamente estará em condições de viver a castidade, se esforçando até o fim para cuidá-la e fazer progredir. Os signos indicativos desta disposição para viver a castidade são representados pela capacidade de: possuir um suficiente domínio de si; observar a continência sexual; saber estabelecer e manter relações maduras de familiaridade, partilha, amizade e afeto com as pessoas; possuir uma relação serena com o outro sexo; dirigir-se ao encontro das necessidades e dificuldades dos outros com sensibilidade e disponibilidade.

Por outro lado, são sinais contra-indicativos para aqueles que fazem a escolha pela castidade: contínua e graves faltas no âmbito sexual; excessiva rigidez, obsessão e compulsividade no que se refere à sexualidade; problemas na orientação e na identidade sexual; desvios de índoles sexuais³⁶.

Encontrada a presença de sinais indicativos e renunciados aqueles que eventualmente são signos contra-indicativos, quem se decide pela castidade deve ter bem claro quais exigências e dificuldades essa escolha comporta, aceitando a lógica rigorosa da *sequela de Cristo* crucificado em vista daquilo que será a futura participação na sua glória (cf. Const. 171,1)

Antes de tudo, a castidade consagrada exige a consciência e a livre renúncia a: cultivar pensamentos, fantasias, linguagens, conversações, interesses, costumes, ocasiões, relações com transfundos sexuais; praticar o exercício voluntário da genitalidade mediante atos de tipo autoerótico e relações sexuais (heterossexuais e homossexuais) com outras pessoas; estabelecer e manter relações exclusivamente de âmbito afetivo-sentimental com outras pessoas, acompanhados ou não de contato físico, ainda sem ser plenamente sexual; contrair matrimônio para satisfazer o desejo de paternidade e maternidade (biológica ou adotiva)³⁷.

Em segundo lugar, o consagrado deve prevê que no transcurso do tempo, podem surgir momentos de provas e de crises devido às inúmeras dificuldades que encontrará (incomunicabilidade, solidão, preocupação, desânimo, tristeza, desacordo, conflitos, fracassos, sentido de culpa, etc.) e que poderiam colocar em tela de juízo não somente a certeza de manter o empenho definitivo da castidade mas também a própria chamada vocacional. Estes momentos deverão ser superados através da confiança, força de vontade, empenho espiritual, discernimentos posteriores, sustento e acompanhamento de pessoas

³⁴ Cf. IBIDEM, pp. 434-435.

³⁵ Cf. IBIDEM, pp. 437-438.

³⁶ Cf. Grisez G., Le condizioni per assumere il celibato, in *Seminarium* 1 (2002), pp. 296-297.

³⁷ Cf. Vázquez A., voz "VOTI RELIGIOSI", in Aparicio Rodriguez A.- Canals Casas J.M. (a cura di), op. cit., 1961-1962.

aptas à escuta e compreensão, a redescoberta dos valores das relações fraternas, a fidelidade aos deveres cotidianos³⁸.

Um outro agravante que pode surgir no caminho daquele que opta pela castidade consagrada, é o fato que hoje ela gere tanta incompreensão e até mesmo opiniões éticas que não são favoráveis a esta escolha, procurando minimizá-la ou desvalorizá-la. Este é sem dúvida, o resultado da influência nefasta de uma mentalidade cultural fundada no hedonismo, na falsa liberdade dos costumes, na exaltação do eu e sobre a negação de uma significativa visão moral-religiosa que compreende também a dimensão afetiva e sexual do homem.

Outros ainda acreditam que a castidade constitua uma negação de autênticos e legítimos valores humanos³⁹. Tal prospectiva declara que a castidade é uma escolha de vida intransponível à pessoa porque supera todas as suas possibilidades⁴⁰. Junto a isso cresce também a cada dia a ideia de que a escolha pela castidade possa causar danos físicos e psicológicos a quem deseja vivê-la. Na verdade, todas estas opiniões e preconceitos devem ser apagados e esquecidos.

Viver em castidade é possível sim, e isto é demonstrado pelo fato de que da afetividade e da sexualidade não derivam necessidades irrenunciáveis. Dessa maneira, e já antecipando, a castidade só pode ser uma opção para aquele que crer firmemente que foi “chamado a vivê-la” e, portanto, livremente “decide não renunciá-la”: não somente em base à sua humana e suficiente maturidade afetiva-sexual, mas por razões de valor espiritual, ou seja, pela intervenção da graça.

O desejo efetivo de querer insistir na escolha da castidade, sem os pressupostos acima mencionado, pode acarretar em primeiro lugar um desequilíbrio na própria pessoa, induzindo, por exemplo, estados de ansiedade, comportamentos de caráter obsessivo-compulsivo, tensões agressivas, escassez no controle dos impulsos, compensações, etc.,

Em segundo lugar, pode favorecer o surgimento de formas mascaradas de compromissos psicológicos, tendendo, por exemplo: a uma negação da difícil relação com a própria esfera afetiva e sexual, com a própria orientação ou a identidade sexual; assumir um estilo de vida individualista e utilitarista; privilegiar a possibilidade de uma vida no âmbito religioso que seja mais fácil e segura com respeito ao matrimônio; delegar as próprias responsabilidades ao Instituto ao qual pertence; assumir a vocação de consagrado ou de sacerdote como possibilidade de ascensão social, etc. Em terceiro lugar pode comportar insatisfações no aceitar a afetiva que normalmente caracteriza a castidade e que, porém é acentuada quando a vida espiritual, as relações interpessoais e as atividades sofrem sérios contratemplos⁴¹. Neste caso se necessita prestar atenção à possibilidade que emergem compensações e desvios de tipo afetivo-sexual (cf. Const. 171, 3).

Falando em possibilidades de compensações e desvios, um tema que exige bastante consideração pelo que se refere à dificuldade que se possa abranger na vida de castidade é certamente a delicada relação do consagrado com os atuais meios de comunicação, em particular a internet e a tecnologia digital, que podem expor facilmente ao risco de assumir hábitos inconvenientes e que geram danos (cf. Const. 171, 3).

³⁸ Cf. Frattallone R., voz “CASTITÀ CONSACRATA”, in Russo G. (a cura di), op. cit., p. 438.

³⁹ Cf. IBIDEM, p. 436.

⁴⁰ Cf. IBIDEM, p. 434.

⁴¹ Cf. IBIDEM, p. 435.

Atualmente a internet representa para todas as pessoas um eficaz instrumento para informar-se, adquirir cultura, comunicar-se, relacionar-se e usar nos diversos âmbitos da vida. Esta tecnologia possibilita a abertura sem limites aos diversos cenários da realidade social, política, econômica, cultural de hoje. Também os consagrados são chamados a utilizar- destes instrumentos como um engajamento favorável do mundo para conhecê-lo e interpretá-lo, à luz da mensagem evangélica, respondendo aos diversos desafios e questões que apresentam à fé: possibilitando através deles a transmissão da mesma fé.

Entretanto, é necessário considerar entre outras coisas, que estes meios de comunicação em massa- junto com a televisão, o cinema, o jornal, o telefone, etc.- também permitem com bastante facilidade o acesso a inúmeros conteúdos e possibilidades de relações inerentes ao campo da vida afetiva (contatos, entretenimentos, conhecer outras pessoas através das redes sociais) e sexual (consulta de informações e subsídios de multimídia; compartilhamento de áudio e vídeo; navegações em sites; contatos com uso de bate- papos eróticos on-line; download e aquisição de materiais pornográficos; uso de serviços sexuais on-line; etc.)⁴²

Aqui se entende que o uso da internet representa um desafio muito árduo para aquele que deseja viver de modo maduro e equilibrado a própria afetividade e sexualidade, sobretudo para o consagrado, que é chamado a viver a castidade. A seguir enumeramos algumas das razões que tornam árduo este desafio.

Antes de mais nada, a possibilidade de usar a rede para usufruir de conteúdos e envolver-se em relações de dimensões afetiva- sexual se mostra ser bastante fácil e praticamente ilimitada. Em segundo lugar, é muito alto o risco de perder de vista o confim entre consciência midiática sobre a afetividade e sexualidade de caráter educativo e o traiçoeiro campo do erotismo e da pornografia virtual. Em terceiro lugar, a internet impõe que em muitos casos a atenção da pessoa continue sendo constantemente estimulado através de impulsos afetivos- sexuais (por exemplo, veiculado pela publicidade ou pela cultura do vestir) sem o mínimo respeito pela liberdade de consciência. Como consequência, os caracteres extremamente persuasivos deste tipo de mensagem e conteúdos causa uma notável pressão psicológica, que ao longo do tempo faz com que cada vez seja mais difícil não se deixar envolver.

Cabe ressaltar também que, em personalidades particularmente frágeis ou naquelas que passam qualquer forma de desconforto (dificuldade comunicativa e relacional, desrespeito, conflitos, depressão, relações controversas com a afetividade e a sexualidade, etc.) a utilização compensatória da internet com um sentido afetivo-sexual pode favorecer- sobretudo com a vantagem do anonimato- comportamentos negativos como: isolamento, fechamento em mundo irreais, evitar o contato direto com a vida concreta, restrição das relações sociais ordinárias, indisponibilidade ao diálogo e ao confronto, delegar responsabilidades, dependência afetiva-sexual da internet, tendência para a perversão⁴³.

Todavia, para adentrar-se de modo inoportuno no mundo da afetividade e da sexualidade virtual não basta pensar somente nas situações de fragilidade ou de desconforto. É necessário reconhecer que a isto se pode chegar também através de um interesse não considerado de querer de maneira arbitrária explorar as propostas do mundo virtual⁴⁴.

⁴² Cf. Bossi M., voz "INTERNET E SESSUALITÀ" in Russo G. (a cura di), op cit., p. 1015.

⁴³ Cf. IBIDEM, pp. 1016-1017.

⁴⁴ Cf. IBIDEM, p. 1018.

Recorrer à internet é lícito e sem dúvida necessário no mundo de hoje. O consagrado, como qualquer pessoa madura e responsável do ponto de vista afetivo-sexual, deve saber gestionar a sua relação com a rede tendo sempre em conta a razoabilidade e a coerência com a qual toma as decisões de servir-se, nunca deixando de lado a necessária prudência.

5. A castidade consagrada em relação com o discernimento e a formação

A vivência da castidade consagrada é uma disposição humana e espiritual que deve ser considerada através de um claro discernimento que conduza o jovem candidato à vida religiosa, em particular franciscana, a um conhecimento da própria condição afetiva-sexual. Tal condição deve ser sucessivamente desenvolvida através de uma específica formação que conduza o frade menor a exprimir e gestionar a própria afetividade e sexualidade no amplo mundo das relações que caracterizam a sua consagração, sobretudo em vista da profissão perpétua⁴⁵.

Pelo que se refere ao discernimento do jovem candidato à vida religiosa franciscana, além de verificar as motivações estreitamente vocacionais, é necessária a compreensão e avaliação do seu perfil humano, em vista de assumir o compromisso particular da vivência da vida de castidade e da vida fraterna.

Para tal propósito é importante valer-se antes de tudo do conhecimento aprofundado sobre o jovem, da sua presente condição de vida e da sua história, enquanto se traça o grau de maturidade do seu desenvolvimento afetivo-sexual.

Os instrumentos a serem utilizados neste sentido podem ser os seguintes: uma ficha dos dados gerais do candidato; curriculum de estudo/trabalho; certificado médico sobre as atuais condições físico-psíquicas do candidato e breve história clínica que concerne ao seu desenvolvimento; certificação de antecedentes criminais; história pessoal/ familiar do candidato (com particular atenção a situações inerentes a adoções, carências afetivas, maus-tratos, separação/ divórcio dos pais, doenças físicas, distúrbios psíquicos, problemas de identidade, dependência, luto, ilegalidades, etc.); relatório sobre o processo de maturidade cristã e de acompanhamento vocacional (iniciação e prática da vida de fé; formação moral; motivação da escolha religiosa; avaliação de possíveis experiências vividas em seminário/ ou outros institutos religiosos); carta de apresentação escrita por pessoas que possam garantir um adequado conhecimento do candidato (pároco, professor, diretor de escola, patrão, etc.); observação da capacidade de adaptação do candidato à vida comunitária durante o período de acolhida em uma fraternidade específica.

Durante a fase de discernimento é importante recorrer a critérios que possibilitem avaliar antes de tudo o grau de maturidade do jovem candidato, que seriam: adequado nível de desenvolvimento intelectual e de avaliação crítica da realidade; conhecimento realístico, uma sadia autocrítica e justa estima de si como pessoa; equilíbrio entre a necessidade de ser reconhecido, compreendido, apreciado, ajudado e a vontade de reconhecer, compreender, demonstrar benevolência, ajudar os outros; adequada preparação cultural; liberdade e responsabilidade de decisão; sinceridade, coerência e capacidade de ser fiável; equilibrada gestão dos impulsos (sexuais e agressivos), tolerância dos conflitos e das renúncias; disponibilidade para entender e colaborar com os demais; respeito das regras/normas sociais e dos valores morais (verdade, justiça, altruísmo, perdão, etc.); abertura à dimensão transcendente; integração da história pessoal/familiar na própria vivência humana e de fé.

⁴⁵ Cf. Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, *Ratio Formationis*, Roma, 8 de dezembro de 2019, pp. 86-87.

A possibilidade que no perfil do jovem candidato tais critérios possam ser na maioria confirmados, é a manifestação de que ele pode ser admitido ao caminho formativo.

Na fase de discernimento se poderia também evidenciar eventuais problemas de natureza especificamente afetiva-sexual, representados, por exemplo, por: desejos e medos intensos ligados à sexualidade; comportamentos sexuais compulsivos (falta de controle dos impulsos, autoerotismo compensatório); dependência afetiva; narcisismo; problemas inerentes à orientação sexual (homossexualidade) e identidade de gênero (não integração do sexo biológico com o psíquico); perversão, promiscuidade, abuso, pedofilia; dependência alimentar, alcoolismo, e outras substâncias; tendência autoagressiva. Tais problemas, que ao princípio não seriam compatíveis com a escolha da castidade, requerem ser atentamente considerados recorrendo ao parecer de especialistas.

De todas as formas, no caso que não viesse confirmado um suficiente nível de maturidade humana e sobretudo se encontrasse diante dos problemas afetivo-sexuais acima mencionados, seria oportuno dissuadir o candidato a continuar o seu percurso.

Por outro lado, acertada a possibilidade de poder abraçar a vida religiosa franciscana, depois da fase do discernimento preliminar, a formação do frade menor, especialmente na fase inicial (a partir do noviciado), deve apontar para o conhecimento e exercício da sua dimensão afetivo- sexual sobretudo conectando-a com os valores espirituais da escolha de consagração (cf. Const. 172, 3)

Com o intuito de que esse percurso formativo seja trilhado da melhor maneira possível, de tal maneira que no tempo oportuno se possa professar de maneira perpétua os votos, o frade menor em formação inicial deve ser ajudado na condução da sua afetividade e sexualidade com maior consciência, liberdade e responsabilidade. Isto envolve o desenvolvimento posterior de certas habilidades especiais⁴⁶.

5.1 A Capacidade de conhecer-se a si mesmo com o passar do tempo

Para se chegar a um melhor conhecimento de si mesmo, na fase da formação, o frade menor deve ser guiado à consciência de que já pôde amadurecer bastante, mas que ainda deve amadurecer as seguintes características da sua vida afetiva e sexual: respeito da corporeidade; clara apreciação da complementariedade entre homem e mulher; capacidade de gestionar os impulsos sexuais e agressivos; relação integrada com as emoções, sentimentos e necessidades afetivas (proximidade, familiaridade, intimidade, partilha, sustento, etc.); aceitação e estima de si mesmo; equilibrada relação com os demais (considerando a idade, o nível de desenvolvimento, a condição, a necessidade, os direitos, as aspirações, etc.); abertura ao diálogo, ao confronto, a realizar discussões com serenidade, acolhendo as correções; capacidade de viver de modo essencial, desapegando-se progressivamente das coisas; disposição em esforçar-se, assumindo as responsabilidades até o cumprimento da tarefa e colaborando em vista disso com os demais; conhecimento e estima das diferenças culturais dos outros; força de ânimo no confronto das fadigas, provas e insucessos; abertura aos demais, contribuindo assim a construir com eles um clima fraterno; aceitação da solidão afetiva; disponibilidade em compartilhar o tempo e as qualidades pessoais; uso adequado da função que desempenha; proporção de relação entre interesses, aspirações pessoais e deveres comuns; conexão das

⁴⁶ Cf. Conferência Italiana dos Ministros Provinciais Capuchinhos, Progetto formativo dei Frati Minori Cappuccini italiani, Bologna, EDB, Bologna 2011, pp. 45-81 (parte III).

experiências passadas com o presente, em vista do futuro; coerência com os valores de referência e com o significado da escolha de vida; etc..

5.2 Capacidade de prever e afrontar eventuais dificuldades no âmbito afetivo-sexual

Na fase da formação o frade menor deve ser guiado a prever e afrontar eventuais dificuldades que possam acontecer na sua dimensão afetiva-sexual, sem minimizá-las ou deixar de lado, mas decidindo de fato superá-las, contando também com ajudas externas.

Além do que já foi mencionado até agora, posteriores dificuldades inerentes à esfera da afetividade e da sexualidade podem ser representadas pela: busca de prazer como compensação das dificuldades nas relações ou nas situações de vida; ignorância, preconceito, medo, vergonha, desprezo, repressão forçada, exclusão da consciência nos confrontos da sexualidade (com o risco de perda de controle); inclinação a privilegiar as próprias necessidades; dificuldade em se envolver ou considerar as necessidades dos outros (liberdade, necessidades, direitos, aspirações, etc.); tendência a querer justificar-se, a criticar, sobrepor sua vontade; uso arbitrário do seu trabalho para favorecer uma ascensão, controle ou vantagem; dependência sexual (*cibersexual addiction*) fruto do uso equivocado da internet, das redes sociais, etc.; incapacidade para considerar de maneira realista as necessidades derivadas do empenho constante de viver a castidade.

5.3 Capacidade de ser responsável por seus próprios atos

Em terceiro lugar, durante todo o seu período formativo, o frade menor deve ser guiado no amadurecimento constante da capacidade de ser responsável dos próprios atos no âmbito afetivo-sexual. Tal amadurecimento requer que tenha cada vez mais consciência/controla da sua dimensão afetiva e sexual, tendo claro que as consequências dos seus atos são atribuídos unicamente a ele. Por isso é necessário proporcioná-lo todos os conhecimentos necessários: o significado e a dinâmica da afetividade e da sexualidade; a correta orientação que deve assumir afetiva e sexualmente na relação com as diversas pessoas, segundo o que prevê a escolha da castidade consagrada; as desviações que podem surgir no âmbito afetivo e sexual, considerando os possíveis danos para si e para os outros.

O conhecimento da própria fragilidade deve fazer com que o frade esteja sempre atento para não se expor a situações que comportam riscos no campo afetivo-sexual, evitando por conseguinte que tais atos se transformem em escândalos, causando descredito a respeito da sua pessoa, o valor do seu testemunho, e a eficácia do seu trabalho (cf. Const. 172, 7).

5.4 Capacidade de criar e manter boas relações

Por fim, para continuar acreditando na escolha da castidade, o frade menor em formação deve ser guiado no amadurecimento da capacidade de criar e manter adequadas relações, seja dentro como fora da fraternidade: esta é a expressão que mais indica uma afetividade viva e uma sexualidade equilibrada, que algumas atitudes de natureza afetiva e relacional enfatizam.

Estas atitudes permitem, especialmente na fase da formação, de sentir como se desenvolve as competências relacionais do frade menor, avaliando o estilo comunicativo e o grau de crescimento em estabelecer e manter vínculos fraternos. Examinamos de maneira breve estes aspectos, que indicarão através de uma dupla polaridade (“positivo-negativo”), utilizando-se de uma conhecida contribuição sobre o assunto⁴⁷.

⁴⁷ Cf. Franta H. – Salonia G., *Comunicazione interpersonale*, LAS, Roma 1979.

a) *Confiança (vs. defesa)*. Uma atitude de confiança nasce, antes de tudo, de uma percepção positiva de si mesmo e do outro. A confiança gera serenidade, apaga o medo, torna possível o encontro. É uma espécie de fé e de esperança que permite compartilhar com o outro aquilo que se é e aquilo que se possui (em término humano e espiritual), sem se perguntar o que se pode ganhar ou perder nesta relação. A confiança possibilita uma contínua construção de relações, porque facilita o acolhimento e a percepção sempre nova e criativa da relação.

Por outro lado, uma atitude constante de defesa (fechamento, reações) na relação indica antes de tudo a falta de um claro conhecimento de si mesmo e do outro; depois, uma incapacidade de desvincular-se da percepção do próprio limite e do limite do outro. Defender-se é sinal de indisponibilidade a não querer se envolver nas relações, considerando aspectos críticos de si mesmo e dos demais. Deve-se sair das próprias seguranças; deve-se fazer frente à possibilidade de não ser compreendido, aceitado, correspondido; gestionar o empenho e dar mais que só receber. Fechar-se na defesa implica uma profunda necessidade de autoconservação, condicionada pelo carácter espontâneo das nossas próprias emoções profundas (raiva, medo, tristeza). No entanto, o uso de uma atitude de reserva e distância nas relações com os outros (algumas vezes até de indiferença) não faz mais que aumentar a incerteza pessoal, suscitando recíprocas dificuldades.

b) *Aceitação (vs juízo)*. Aceitar e apreciar o outro são atitudes que manifestam e favorecem o renascimento do valor pessoal. Isso quer dizer acolhê-lo na própria realidade, por aquilo que é, na sua singularidade e unidade. A aceitação não classifica o outro por esquemas, mas tende a escutá-lo e compreendê-lo de maneira empática, no que diz respeito aos pensamentos, sentimentos, vontade, aspirações, condições (com seus sucessos e fracassos), etc.. Se considera inclusive a possibilidade do outro equivocar-se, mas sem justificá-lo. Reconhece a riqueza das qualidades expressivas do outro, mesmo quando ele não sabe que as possui.

Reconhecer sem temor o valor do outro é uma atitude de grande coragem e humildade porque pressupõe um contínuo descentralizar-se de si mesmo, fazendo-se em grau de comparação na estima consigo mesmo.

Quem, por outro lado, se deixa continuamente orientar por uma atitude de juízo, ou ainda, prejuízo, olha o outro através das lentes rígidas do próprio modo de ver, como se este fosse capaz de compreender a complexidade de toda a realidade. Tal comportamento é típico daquelas personalidades que permanecem ancoradas em si, em princípios e visões irredutíveis que não conseguem ou não querem colocar-se em relação com o outro. Estas características se encontram em pessoas dominadas pela insegurança, raiva, presunção, desprezo, sentido de superioridade, de perfeccionismo, de legalismo, etc.. Esta posição relacional faz com que seja particularmente difícil comunicar, dialogar, chegar a conclusões e trabalhar de maneira comum, favorecendo sobretudo a proximidade e a colaboração.

c) *Igualdade (vs superioridade)*. Quem assume uma atitude de igualdade com o outro demonstra geralmente não ser muito ligado com a preocupação de defender a própria imagem ou o próprio cargo ou função, porque não se identifica plenamente com ela. Muito pelo contrário, está mais interessado com os conteúdos, com os valores e aos objetivos da relação. Igualdade significa sobretudo capacidade de alinhamento e compreensão de uma pessoa que sabe questionar-se; não existe uma verdade inquestionável que não se possa colocar em tela de juízo ou defender; não há respostas definitivas; reconhece os direitos e

deveres próprios e do outro; sabe esforçar-se para colaborar com o outro confiando que assim, juntos, poderão chegar a resultados melhores.

A atitude de superioridade, por outro lado é fruto de uma hiper-avaliação das próprias qualidades pessoais, das próprias atividades, dos próprios resultados, da própria experiência, etc.. A superioridade acredita possuir um poder de juízo, seleções, redimensionamento, marginalizações e controle sobre o outro. As pessoas que dela sofrem sentem-se desvalorizadas, ofendidas, impedidas, instrumentalizadas: privadas do seu direito de pensar, sentir, exprimir-se, tomar decisões e fazer escolhas. A consequência deste tipo de atitude comporta a insustentabilidade e a degeneração das relações. Exemplos específicos de superioridade são representados pelo desrespeito, pela ironia ou pela crítica desdenhosa.

d) *Empatia (vs. Indiferença)*. A empatia consiste em recolher as realidades vividas do outro com uma atitude de imediatismo e compreensão. Isto permite abrir-se a tudo o que age na realidade do outro (identidade, história, condição de vida, cultura, horizonte de valores, pensamentos, vivências, decisões, experiências, problemas, expectativas, etc.). Mais que conhecer e saber, a empatia é justamente um “compreender”, uma sensível capacidade de acolher e intuir o outro traçando contato com a sua subjetividade profunda.

A indiferença, por outro lado, é uma grave expressão de desinteresse, indisponibilidade, desprezo, rejeição do outro. Ela representa uma verdadeira e própria negação da sua própria presença, inclusive primeiro que do seu valor. A diferença da relação de amor- ou, apesar de tudo, da aversão- no qual o outro é encontrado digno de consideração, a indiferença é a negação desta possibilidade.

e) *Espontaneidade (vs. Manipulação)*. A pessoa que sabe relacionar-se de modo espontâneo comunica sua capacidade de ser autêntica e sincera. Ela não põe esquemas entre a sua intencionalidade e a possibilidade de compartilhá-la de modo claro e coerente. Por mais que não possa tornar algumas coisas públicas, a espontaneidade não demonstra possuir um duplo fim ou de agir por uma via alternativa. Ela permanece fiel àquilo que na relação se chegou claramente a compartilhar e sobre a qual se chegou a um acordo, por mais que isso custe sacrificar os seus interesses pessoais.

Aqueles que optam por utilizar a manipulação internamente nas suas relações se movem dentro do âmbito da ambiguidade, do compromisso, da bajulação, do elogio, da sedução, do vitimismo, do falso arrependimento, etc. Usando a relação como uma espécie de disfarce e um instrumento para alcançar os seus objetivos pessoais. Este tipo de pessoa evita o confronto direto e usa o raciocínio abrindo-se a propósitos mal definidos. No final não demonstra coerência entre a palavra declarada e o comportamento manifestado. De frente a uma pessoa manipuladora não se pode ser espontâneo e capaz de confiança: um sentido de incerteza marcará a relação, gerando consideráveis desconfianças.

f) *Flexibilidade (inflexibilidade)*. Demonstra flexibilidade quem tende continuamente a criar equilíbrio nas relações, sabendo conjugar a complexidade de si, dos outros e das situações. A pessoa flexível, enquanto possui a sua própria perspectiva, não absolutiza, mas se esforça por comunicá-la e compartilhá-la, acolhendo possivelmente aquela do outro e favorecendo, junto a esta, um denominador comum de ambas. Portanto, a verdade das coisas (do ponto de vista estreitamente humano) nos chega somente através da síntese compartilhada dos conhecimentos e das experiências, salvaguardando ao máximo os valores de referência. Dessa maneira, se pode compreender bem como o caminho em direção à verdade implica necessariamente um caminho em direção à comunhão.

A inflexibilidade relacional é típica de uma pessoa que vê na relação e no confronto com o outro um perigo para sua integridade: intolerância, autoritarismo, dogmatismo, fundamentalismo, presunção, busca de um consenso, medo de mudanças, controle das pessoas e das situações, etc., são algumas das atitudes que se distinguem daquelas que, no fundo, representam uma complexa problemática afetiva: vale recordar a incapacidade de abrir-se à diversidade e à riqueza dos outros. De fato, se bem estes comportamentos parecem dizer respeito de maneira específica ao difícil acolhimento do ponto de vista dos outros, na verdade, ele se estende também ao acolhimento geral do outro enquanto tal, com evidentes repercussões sobre a vida de caridade. Portanto, é óbvio que a um certo ponto a relação alcança um patamar de muita dificuldade, se não for totalmente conflituoso ou destrutivo.

Relacionar-se com a diversidade e a riqueza do outro é um estímulo dinâmico que nos leva à madura integração da nossa consciência, afetividade, sexualidade, vontade e socialidade e níveis sempre mais altos. É uma defesa contra o fechamento estéril do pensamento absoluto, da autossuficiência e do contentar-se em níveis de necessidades elementares. No fim, ela nos restitui os valores a nós mesmos, quando crescemos no cuidado dos valores dos outros.

O exercício destas atividades afetivas e relacionais não é sempre fácil. Elas requerem uma particular disponibilidade à revisão pessoal e uma decisiva vontade de crescimento, confiado a um impulso afetivo e sobretudo espiritual. Uma pessoa que deseja aperfeiçoar-se na capacidade de estabelecer e manter verdadeiras relações com os outros demonstra de querer chegar a: um conhecimento claro e uma aceitação serena de si e dos demais; um envolvimento emotivo que exclua o medo e a prevaricação; um desejo de construir comunhão através de gestos de reconciliação e de realizar o amor fraterno através de atos de generosidade.

No âmbito da vida de fraternidade, as relações representam um campo de conhecimento e exercício da capacidade que o frade menor tem- em razão da sua afetividade- de acolher, compreender, demonstrar benevolência, ajudar os irmãos, renunciando ao amor de si, em vista de poder, através do benefício da sua liberdade e disponibilidade, ajudar os irmãos no seu cuidado.

É justamente através do amor e do serviço que os frades saberão reciprocamente corresponder-se, será também possível sustentar a sua vida de castidade. Neste sentido, os ministros e os guardiães devem procurar sempre a ocasião de recordá-los à fraternidade (cf. Const. 172, 5). Deste modo se estenderão as primícias para os desenvolvimentos sinceros e significativos da amizade capazes de dar verdadeiramente plenitude à vida (cf. Const. 172, 6).

A amizade simples e alegre entre os confrades é uma característica humana e espiritual necessária para cuidar e promover verdadeiras relações; é também uma prova evidente da força unificadora do amor de Deus. Porém ela deve ser manifesta para todos os membros da fraternidade, superando assim todos os particularismos.

As relações de amizade que o frade menor também cultiva com as pessoas externas à fraternidade representam uma oportunidade para conhecer-se e enriquecer-se afetivamente. É importante, porém, que o frade seja respeitado na sua identidade e condição enquanto, simultaneamente, se dispõe a garantir o acolhimento, a escuta, compreensão, sustento e experiência espiritual, com base nas expectativas e necessidades. Uma incapacidade ou dificuldade neste sentido deve ser levada particularmente em

consideração, sobretudo nas diversas etapas dos caminhos formativos, também em vista do futuro trabalho pastoral. Em todo caso, aquilo que conta, nas relações internas ou externas da fraternidade, é colocar atenção em não vincular nenhuma pessoa exclusivamente a si mesmo nem consentir que isto aconteça por parte dos demais (cf. Const. 173,5).

Aqui também não podemos deixar de relatar a triste realidade dos consagrados com relação aos abusos: estes além de ofender gravemente a castidade lesionam a dignidade, liberdade, integridade das pessoas mais frágeis, entre as quais especialmente os menores e adultos vulneráveis. Tais atos, que constituem uma grave forma de violência realizada mediante o uso da própria autoridade e em vista de um egoísmo, provoca sofrimentos físicos e imensos a nível psicológico; se nota, depois de uma inicial e sediosa sedução, associando-se inclusive a uma exploração ilícita das vítimas (como demonstrado a exemplo da produção de materiais obscenos do qual se pode usufruir de maneira privada ou on-line). Em tal sentido, a vigilante presença dos superiores, como também de todos os membros da fraternidade, é fundamentalmente necessária para poder intervir com clareza e decisão neste e outros casos (cf. Const. 172, 7)⁴⁸.

O frade menor que emitiu a profissão perpétua dos votos deve continuar e aprofundar-se e vigilar-se continuamente, no âmbito da formação permanente, sobre a dimensão afetiva e sexual, buscando sempre a melhor maneira de integrá-la em si mesmo e com os outros aspectos de sua pessoa (corporeidade, emotividade, pensamento, vontade, socialidade, horizonte dos valores morais- espirituais, etc.).

Além disso, ele não deve nunca pretender- como já destacamos- excluir totalmente de si a consciência no que se refere à sua afetividade e sua sexualidade, buscando suprimir forçosamente (com a possibilidade de ativar tensões que comportam agravamentos psicológicos relacionados a riscos de situações contra a castidade); nem tampouco pode agir de maneira indiscriminada do ponto de vista afetivo e sexual com a espontaneidade própria de quem retém todas as coisas “como natural”.

O frade, dessa maneira, enquanto procura manter sua afetividade e sexualidade sob constante vigilância (de maneira consciente, livre e responsável), deve ao mesmo tempo, com relação às outras dimensões que compõe a sua personalidade, cultivá-las buscando referir-se com interesse e prontidão aos valores, as condições e os meios de vida espiritual e de consagração com o intuito que assegure os limites e orientação.

Vale a pena ainda acrescentar que, para continuar conectando com clareza e coerência a dimensão afetiva-sexual à escolha da castidade consagrada, o frade menor de votos perpétuos deve saber que este processo não conhece paradas e pode prosseguir só em razão das fortes motivações espirituais autenticamente vividas. Só assim é possível de tempos em tempos preparar-se para afrontar e superar os insistentes desejos dos impulsos instintivos que nunca acabam, enquanto por outra parte continuam a realizar-se com liberdade e intensidade as exigências da caridade. Tudo isto requer a participação conjunta e o aprofundar-se constante da vida espiritual, fraterna e apostólica.

Em uma idade mais avançada o frade chega a uma maior estabilidade e essencial redimensionamento da sua existência, também em razão do fato que intervenham inevitáveis mudanças físicas e psíquicas.

⁴⁸ Cf. Conferência Italiana dos Ministros Provinciais Capuchinhos, Abusos sobre menores e pessoas vulneráveis cometidos por religiosos. Linhas guias para as Províncias da CIMPCap, Roma, Abril de 2017.

Do ponto de vista afetivo, ele poderia ser tentado de maneira mais sensível a assumir atitudes individualistas, enrijecimento, fechamento, relaxamento, retorno ao passado (arrependimento e nostalgia), etc. ao mesmo tempo, em que se vê obrigado a aceitar a inevitável separação de lugares, cargos, responsabilidades, atividades e sobretudo pessoas com as quais havia criado laços significativos.

Esta fase deveria conduzi-lo a uma chamada “segunda conversão”, caracterizada sobretudo por uma mais intensa e constante união com Deus e também uma natural e simples relação com os confrades- especialmente os mais jovens- com os quais poder compartilhar os frutos do próprio amadurecimento humano e espiritual. Manter a fé na castidade consagrada neste período quer dizer, entre outras coisas, testemunhar ainda a alegria que provém de haver vivido em plenitude o amor indiviso por Cristo, doando-o sem reserva aos homens.

6. Os meios humanos e espirituais para guardar a castidade consagrada

Existem alguns meios que, oportunamente associado entre eles e empregados ativamente, possibilitam ao frade menor poder viver a sua vida de castidade, evitando, por um lado o risco de negligenciar tal voto, e por outro, contribuindo em reforçar a integridade. Estes são meios de caráter humano e espiritual (cf. Const. 171, 3)

6.1 Os meios humanos

Por meios humanos queremos nos referir às estratégias que fazem uso da razão e da vontade para proteger de eventuais desvios a dimensão afetiva e sexual da pessoa consagrada, sempre particularmente exposta a sua fragilidade. Consideramos aqui algumas das estratégias mais úteis.

Evitar as situações de riscos. As situações, que colocam em sérios riscos a escolha da castidade e que, portanto devem ser evitadas, são antes de tudo aquelas “próximas”. Estas devem ser mantidas sob um controle especial porque pela sua natureza intrínseca comportam imediata e notável possibilidade que a pessoa peque contra o voto de castidade, deixando-se assim surpreender da chegada improvisada de um estímulo de superior intensidade às suas defesas.

As situações “remotas” de risco, embora não suscitem particular preocupação com respeito à castidade, são de tal natureza que conduzem gradualmente a criar situações “próximas” ou talvez expor a tais situações.

As situações “próximas” ou “remotas” de risco variam de sujeito a sujeito, de significado ou intensidade, e podem até se reverter. Cada um por experiência própria conhece de fato quais podem ser. Em todos os casos refutar com uma resoluta e tempestiva decisão- mas de modo sereno- tais situações, que apenas surgem na nossa consciência, representa a melhor modalidade para livrar-se sem consequências.

Reguardar os sentidos externos e os impulsos emocionais internos. As solicitações que podem comportar riscos para a vida de castidade podem ser particularmente induzidas pelo uso pouco responsável dos sentidos, entre os quais se destaca a visão e o tato.

Estímulos de natureza sexual confluem para a consciência através da vista, potenciando a imaginação e suscitando uma imediata reação da função sexual. A mesma coisa também é válida para o tato, que inclusive pode acionar reações sexuais mais imediatas e que nem sempre são fáceis de controlar, porque através delas se excitam zonas corpóreas caracterizadas por uma notável sensibilidade.

Uma equilibrada disciplina dos sentidos externos diminui a possibilidade de ser envolvido pela intensidade dos estímulos de natureza sexual, tornando muito mais viável o controle dos mecanismos bio- fisiológicos da sexualidade que permanecem sempre potencialmente ativas.

É necessário, porém, considerar que por algumas vezes tais mecanismos podem acionar-se sem o concurso da vontade da pessoa, dessa maneira por razões de tudo legítima que dizem respeito à relação que a pessoa mantém com o mundo social e com a sua própria dimensão corporal (higiene, cuidado, etc.). Infelizmente a cultura midiática hoje impõe demasiadas situações-estímulos de carácter sexual que- como já foi afirmado- tornam decisivamente difícil guardar a castidade.

Pelo que se refere à afetividade se aconselha de haver particular cautela nas relações com outras pessoas. Respeito, delicadeza, discrição, reserva, modéstia, pudor, prudência, domínio de si, etc.- mas na simplicidade e espontaneidade daquela que deve ser a expressão de acolhida, benevolência e amizade pelo outro- são só alguns aspectos úteis para conservar o campo dos sentimentos livres de indevidos- tanto quanto inesperados- relacionamentos.

Isto vale de maneira particular por aquilo que diz respeito à relação com pessoas do outro sexo. É de fato aconselhável pela razão e pela prudência que uma excessiva familiaridade ou simpatia expressa- mais ou menos conscientemente- nas relações com pessoas do outro sexo nem sempre ficam livres de consequências. A pessoa humana e espiritualmente madura tem a clara consciência que, por si, sabe como deve comportar-se, sem assim assumir atitudes rígidas e marcadamente distantes neste tipo de relação.

Equilíbrio nos hábitos de vida e em alternar entre descanso e trabalho. É comprovada a experiência (de modo especial da ascese) que o equilíbrio nos hábitos de vida (também na relação com determinadas emoções)- conhecidas sob o nome de temperança- aporta uma favorável ajuda na vida de castidade, porque reforçam a vontade da pessoa através da moderada satisfação de certas necessidades (como, por exemplo, aquelas relativas ao uso de comidas, bebidas ou outros gêneros) mas também através do domínio de certos estados emotivos (como, por exemplo, a ira).

Além disso, o cuidado da correta alternância entre o repouso, necessário para recuperar as forças; e a atividade, essenciais para tornar efetiva e significativa a própria escolha de vida, convém também para o cuidado da castidade. Pelo contrário, esta última vem de fato enfraquecida tanto pela preguiça quanto pela superficialidade do cumprimento do trabalho, que levam a dissipar o tempo e energia sem conseguir os oportunos resultados; quanto ao desenfreado ativismo que a longo prazo pode conduzir a um sobrecarregamento, desinteresse e perda das motivações do serviço (*burnout*) nos diversos âmbitos da cotidianidade (vida espiritual, relações fraternas, formação, serviço, etc.).

Neste caso a escolha da castidade pode ser afetada pelo hábito de compensar o desconforto provocado por uma vida vazia, inconclusiva e cansativa, recorrendo a momentâneos e estéreis momentos de prazer sexual.

No cuidado da castidade pode intervir positivamente, ademais do que já foi mencionado, aquelas ocasiões ou oportunidades ligadas ao interesse e iniciativas pessoais e de carácter relaxante (esporte, leitura, atividades artísticas [pintura, música], momentos de fraternidade, eventos culturais, viagens, etc.) que permitem recuperar a serenidade e enriquecer o espírito.

6.2 Os meios espirituais

Os meios espirituais para cuidar da castidade consagrada são igualmente- ou inclusive mais- necessários daqueles humanos. Confiar-se a tais meios significa por uma parte não colocar toda a confiança nas limitadas capacidades de si; e por outra é a afirmação de que, primeiro de tudo, a virtude da castidade é sobretudo um dom de Deus. Portanto, resulta obvio que tal dom pode ser acolhido, sustentado e conservado de modo especial através da intervenção contínua da graça, para que se possa corresponder efetivamente à sua natureza e finalidade (cf. Const. 171,4). A seguir a lista dos principais meios espirituais que consideramos para o cuidado da castidade.

Vida litúrgica e sacramental. O constante empenho na vida litúrgica e sacramental conserva e promove a castidade, consentindo à graça divina intervir com transparência e força. Este esforço permite de haver antes de tudo uma visão mais clara e aprofundada do composto quadro da fé e intensificar a experiência de Deus através de um percurso de purificação e transfiguração progressiva. O aumento do interesse e o fervor espiritual que dele deriva permite sem dúvidas uma benéfica influência sobre a vontade pela qual, enquanto se percebe mais intenso o desejo de permanecer em comunhão com Deus em Cristo- a fim de que se receba os dons e se escute o apelo- ao mesmo tempo se torna possível poder dominar os reclamos da sexualidade e das outras tendências egoístas, valendo-se da luz e do sustento que o Espírito Santo pode aportar à natureza humana.

Os meios pelos quais a vida litúrgica e sacramental dispõe no cuidado e sustento da castidade são vários: a recitação da Liturgia das Horas, a oração mental, a meditação da Palavra (*lectio divina*), a leitura espiritual e o aprofundamento teológico (documentos do Magistério, textos hagiográficos e espirituais, escritos dos santos e fundadores, ensaios teológicos, etc.), a participação na Eucaristia, a recepção do sacramento da Reconciliação, os exercícios de piedade (Santo Rosário, via-sacra). Particularmente indicado neste sentido é a adoração eucarística (cf. Const. 171, 2).

A experiência do amor de Deus como benefício da vida de castidade é fundamentalmente assegurada pela vida de oração (em comum e pessoal). Esta última realiza um profundo contato e diálogo interior com Deus que comporta abertura, compartilhamento e disponibilidade à graça da Palavra e do Espírito Santo. Através da assídua recitação da Liturgia das Horas, que consagra e santifica o tempo quotidiano, o coração se eleva efetiva e espiritualmente a Deus com a ação de graças, o louvor, a invocação, o arrependimento, a confiança, a esperança enquanto participação do seu intenso amor e fé, que renovam cada dia o propósito de anunciá-lo e servi-lo⁴⁹.

A escuta da Palavra é, para a castidade, a via pelo qual a consciência apreende o que significa amar e viver unicamente da vontade do Pai, como Cristo testemunhou e ensinou no Evangelho (cf. Jo 4, 34). Afinal de contas, toda relação de amor é, ao mesmo tempo, experiência de conhecimento e participação. A Palavra é a manifestação das intenções e dos anseios do amor de Deus: para acolher e transformar em apaixonada partilha, correspondência e fidelidade na sua relação. O amor divino, acolhido e vivido na castidade, deriva, entre outro, da meditada compreensão e íntima ressonância dos valores das palavras e dos exemplos de Cristo, que captam mente e coração, suscitando o desejo de vincular-se a ele no anúncio do Reino que vem. Cada dia, em um coração casto, esta Palavra ressoa mais clara e forte, revelando de maneira indizível quem é Deus, o que ele disse e

⁴⁹ Cf. Ridick J., *I voti. Un tesoro in vasi di argilla. Riflessioni psicologico spirituali*, Edizioni Piemme, Casale Monferrato, 2000, pp. 178-179.

fez, o que nos pede para realizar (com quais sentimentos e por quais modos), e a favor de quem nos pede realizar⁵⁰.

A participação cotidiana na Eucaristia representa aquele vínculo espiritual que assegura poder manter-se em constante comunhão com Cristo, alcançando a medida profunda do seu amor que renova o dom e o desejo pela castidade⁵¹. Na Eucaristia se realiza a íntima relação sponsal com Cristo, da qual emana caridade, que por uma vida casta, chega a todos com liberdade e generosidade. De modo particular, a prática da adoração eucarística possibilita prolongar a intimidade espiritual com Cristo contemplando a sua presença, dialogando com ele, reavivando os dons do seu amor, amadurecendo a confiança e o desejo de realizar-se mais plenamente neste amor, que se faz princípio de vida nova para si e para os demais⁵².

O sacramento da Reconciliação possibilita a purificação do coração dos efeitos desfavoráveis do amor egoísta, que tenta constantemente roubar aquilo que lhe é negado. Aproximar-se de maneira frequente a este sacramento representa também uma oportunidade para avaliar a qualidade do próprio caminho de conversão, maturidade e fidelidade ao amor verdadeiro que continua através do esforço na vida de castidade. Confiar-se à misericórdia de Deus nos ensina a viver e amar de maneira sensível, compassiva e gratuita. Recorrer ao sacramento da Reconciliação- como também à direção espiritual- constitui ademais disso uma grande oportunidade para sobrepor a escolha da castidade em um claro discernimento crescente sobre os tempos e os modos através do qual se obtém sempre uma maior liberdade interior, riqueza de expressão afetiva nas relações fraternas e abertura ao amor sobrenatural⁵³.

Devoção à Virgem Maria. Cultivar uma filial devoção à Virgem Maria, Imaculada Conceição, representa um meio espiritual muito eficaz para custodiar e promover a virtude da castidade (cf. Const. 170, 2).

Antes de tudo, relativamente a esta questão, a Virgem Maria intervém na vida espiritual como modelo exemplar de consagração a ser imitada. O pressuposto fundamental está no fato que a Mãe do Senhor representa, acima de tudo, aquela no qual o amor a Deus se transforma em desejo ardente de correspondência em todas as coisas à sua suprema vontade, superando todo obstáculo do mal e traduzindo na caridade a medida plena da graça que nela foi depositada (cf. Lc 1, 28). A partir desta atitude de transfundo, derivam as virtudes fundamentais que caracterizam a fisionomia espiritual da Virgem- fé, humildade, obediência, piedade, caridade, fidelidade, esperança- e que possibilitam a fazer a castidade íntegra e provida de todos os frutos.

Em segundo lugar, a Virgem Maria intervém na vida de castidade ajudando através da sua materna intercessão. Particularmente através da oração do Santo Rosário, ela pode ser invocada a fim que- em virtude da poderosa ação do Espírito Santo- obtenha pelos méritos de Cristo: a proteção e a força nos momentos de tentação e de prova; a confiança e o abandono em Deus; a sensibilidade e o fervor da vida de oração. A disponibilidade à escuta e ao exercício concreto da Palavra; a consolação e paz do coração; a satisfação na busca das virtudes e no generoso cumprimento do bem.

⁵⁰ Cf. IBIDEM, pp. 174-175.

⁵¹ Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica pos-sinodal *Vita Consecrata*, 95.

⁵² Cf. Ridick J., op. Cit., pp. 177-178.

⁵³ Cf. IBIDEM, pp. 179-180.

Ascese. A castidade consagrada, enquanto dom que deve ser cuidado dia e noite, também deve fazer uso de uma equilibrada disciplina ascética, útil para afugentar o risco de caídas no pecado derivados do egoísmo afetivo-sexual, radicado na débil natureza de cada pessoa e motivados por condições externas. Tal disciplina é especificamente necessária para sustentar e reforçar no sentido sobrenatural a vontade, concedendo-a um pronto e decisivo combate à concupiscência.

Para que a vontade seja sustentada e reforçada no cuidado da castidade, é importante que haja um empenho no exercício de algumas virtudes complementárias, cultivadas com a ajuda da graça e utilizada de acordo com sua função particular, como, por exemplo: humildade (reconhecimento da própria fraqueza, renunciando todo tipo de presunção); prudência (sabedoria e previdência no fazer escolhas, evitando consequências negativas); obediência (dependência de uma verdade e uma autoridade que garante o bem); temperança (moderação na satisfação de necessidades/desejos legítimos e renúncia aos desejos não-lícitos), fortaleza (resistência nas dificuldades e situações hostis), pobreza (essencialismo), fidelidade (assumir com respeito uma obrigação em relação a uma pessoa ou uma decisão anteriormente tomada)⁵⁴.

Empenho no serviço. O assíduo empenho no trabalho ordinário, no ministério, nas diversas atividades de serviço e apostolado concomitantes à vida consagrada (manual, intelectual, assistencial, sacramental, de evangelização, etc.), desenvolvida com competência e responsabilidade, sustenta e protege a vida de castidade através de um “amor em ação” voltado para todos. Tal amor se deve caracterizar pela disponibilidade concreta e generosa para satisfazer com sensibilidade e competência as legítimas necessidades físicas, materiais, humanas e espirituais dos irmãos.

Deixando-se inspirar por esta perspectiva, o empenho no serviço comporta: confiança e estima nas qualidades pessoais; satisfação no cumprimento das próprias tarefas; sentido de participação no bem e na alegria dos outros; motivação para tornar a própria atividade sempre mais qualificada, intensa e providente. Isto não poderá mais que suscitar positivas ressonâncias afetivas, comportando o desenvolvimento de maior comunhão e disponibilidade ao próximo (cf. Const. 172, 8).

Também deve ser salientado que o empenho no serviço, por mais que possa ser benéfico para a castidade, pode representar um tipo de fachada- algumas vezes muito mal dissimulada- dos problemas afetivos- sexuais não enfrentados e resolvidos como quando, por exemplo, no assumir um cargo ou desenvolver um trabalho pastoral se tende a controlar, dominar, assumir um papel antagônico, instrumentalizar, ser o centro das atenções, etc. Ao contrário, para conduzir um serviço, que edifique e seja de ajuda para o próximo, se necessita de uma autêntica e rica capacidade de amor humano e espiritual. Neste sentido, a castidade consagrada pode ser entendida, ela mesma, como “anúncio”, “sinal” e “projeto” do amor de Deus para com os homens⁵⁵.

7. A Castidade Consagrada segundo o carisma franciscano

O aprofundamento sobre a castidade consagrada não pode prescindir da consideração do valor que ela possui para São Francisco, o qual concebe a castidade não simplesmente

⁵⁴ Cf. Ridick J., *I voti. Un tesoro in vasi di argilla. Riflessioni psicologico spirituali*, Edizioni Piemme, Casale Monferrato, 1983, p. 76-77.

⁵⁵ Cf. Aparicio Rodriguez A., voz “CASTITÀ”, in Aparicio Rodriguez A. – Canals Casas J.M. (a cura di), op. cit., pp. 272-273.

em termos de continência ou integridade. Para o Pobrezinho de Assis a castidade representa antes e sobretudo uma virtude interior associada com a “pureza”: uma condição do espírito necessária para poder “ver Deus”, ou seja, para haver uma experiência tão clara e profunda que restitua novidade, intensidade, riqueza e bondade de vida para todas as coisas⁵⁶.

Na *Admoestação XVI*, inspirando-se na passagem evangélica “Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus” (Mt 5, 8), são Francisco considera que os “puros” são aqueles que “desprezam as coisas terrenas”- os vícios, os pecados, a vida segundo a carne- para cultivar de maneira íntegra o amor de Cristo Jesus (cf. RnB 22, 5). Estes, portanto, aspiram às coisas celestes, tornando-se adoradores, testemunhos e anunciadores de Deus aos homens. Para os puros de coração, Deus assume o primeiro lugar da sua vida: está no centro dos seus pensamentos, sentimentos, vontades e ações. Ele é a luz suprema que desmascara a mentira e a maldade do pecado que distancia o homem da Palavra e dos mandamentos divinos, confundindo-os com as vãs atrações e os desejos do mundo (cf. RnB 22, 10-25).

Os puros de coração, portanto, são reconhecidos por serem interiormente livres e disponíveis a Deus. Adoram e se relacionam com Deus com pureza interior, “em espírito e verdade” (Jo 4, 23-24), obtendo em virtude do Espírito Santo a graça da familiaridade com ele e a capacidade de doar-se segundo a sua vontade (cf. Lcap 6, 62-64) vencendo o espírito da soberbia, concupiscência e avareza.

Dessa forma, se pode concluir que a castidade para o franciscanismo é mais que tudo “pureza de coração”: capacidade de “ver”- crer, conhecer, amar, adorar- o Padre no Filho, por meio do Espírito Santo⁵⁷. Ela é uma disposição interior e contínua de relação íntima e apaixonante com Deus, sobretudo em virtude da oração, reconhecendo-se aquela secreta “demora” representada pelo coração mesmo do homem. Aqui- segundo a experiência de são Francisco- o frade menor vive a comunhão com a Santíssima Trindade, do qual transborda o amor de Deus a todo a criação com transparência de expressão e intensidade de sentimento. Este amor representa o vínculo e a força que lhe permite guiar com o anúncio e o testemunho todos os homens ao Reino de Deus em Cristo (cf. Const. 173, 3).

A “pureza de coração” é particularmente sublinhada por são Francisco com relação à Eucaristia. É a disposição essencial para celebrar com fé o mistério e receber com devoção a graça do Corpo e Sangue do Senhor (cf. Lcap 2, 29-30), associada também à “pureza exterior”- à castidade do corpo- de modo que todo o homem, na sua unidade de alma e corpo, se converta em uma oferta agradável a Deus, nunca em nenhuma de suas partes ser instrumento para o pecado⁵⁸.

A “pureza de coração” é também um louvor a Deus, uma exaltação da sua bondade e misericórdia, quando se traduz em disponibilidade ao plano de Deus, servindo em caridade as criaturas, segundo aquela universal caridade com elas⁵⁹ que é propagadora de unidade e paz.

Em síntese, a vida de castidade do franciscano se caracteriza pela união com Deus que conduz à caridade, que por sua vez, conduz à construção da paz universal.

⁵⁶ Cf. Izzo L., voz “CASTITÀ”, in Caroli E. (a cura di), Dizionario francescano, EMP, Padova 1995, pp. 188-189.

⁵⁷ Cf. IBIDEM, p. 191.

⁵⁸ Cf. IBIDEM, pp. 196-199.

⁵⁹ Cf. IBIDEM, pp. 201-203.

Por outro lado, a castidade do frade menor é também expressão de penitência. São Francisco não deixa de atribuir à castidade um caráter estreitamente penitencial, entendendo que em ela deve convergir também a pobreza de espírito e a ascese.

Com razão se pode afirmar, contemplando a Cristo pobre, que a castidade é em efeito uma forma de pobreza- ou seja, de expropriação- considerando-a, portanto como renúncia (ao matrimônio e aos afetos familiares) como entrega do amor de Deus aos irmãos, de maneira particular, aos irmãos de espírito: um amor delicado, modesto simples, cortês, sincero, sensível, cheio de humanidade (cf. 1 Cel 38)⁶⁰.

A ascese, à qual se reclama a virtude da castidade, é necessária para que o tesouro da comunhão com o amor de Deus não venha a faltar por causa da fragilidade da natureza humana, na qual, no entanto, se tenta ser velada. A mortificação dos sentidos em relação às más inclinações constituem as táticas usadas para afugentar toda possibilidade de queda. Em relação a isso, são Francisco demonstrar querer sempre manter-se em atitude profunda de humildade, sem nunca se presumir de si mesmo (cf. Const. 173, 2).

Em quanto participação no empenho de uma fraternidade universal, a castidade consagrada se caracteriza na experiência de são Francisco pelo acolhimento sereno da figura feminina. Por mais que o santo instruisse os frades a relacionar-se com as mulheres com prudência e por motivos estreitamente ligados ao seu ministério (cf. Rnb XII; Rb XI), todavia ele possuía em relação a elas uma postura de respeito, delicadeza, nobreza de coração, sincera amizade, uma partilha espiritual transparente⁶¹. Assim ele se portava sempre nas relações que tinha com Clara de Assis e Jacoba.

O frade menor deve inspirar-se nesta mesma atitude de são Francisco, empenhando-se em reconhecer nas mulheres, que ainda hoje sofrem discriminações e são instrumentalizadas por parte do mundo masculino, aquela dignidade e aquele valor que na Igreja e no mundo elas possuem em igual medida que os homens, ainda que diferente, em razão das suas específicas qualidades, no modo de contribuir ao desenvolvimento integral da nova humanidade (cf. Const. 173, 4).

Verdadeiramente, a castidade consagrada, segundo a experiência de são Francisco, conduz a uma verdadeira libertação e transfiguração do coração. Para manter a confiança nesta possibilidade é necessário sempre considerar os frutos espirituais a qual ela conduz: louvor puro, oração rica de intimidade, exercício unificado das virtudes evangélicas, caridade operativa e sobretudo, serviço aos últimos e esquecidos (cf. Const. 174, 1).

Tudo isto, no que se refere à vigilância e aplicação, não pode mais que depender da livre e incessante ação do Espírito Santo no coração de cada frade menor e de cada fraternidade. A esta ação ninguém nem nada pode colocar impedimentos (cf. Const. 174, 2).

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, voz “VERGINITÀ”, in Caroli E. (a cura di), op. cit., pp. 2159- 2162.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, voz “CASTITÀ”, in Caroli E. (a cura di), op. cit., pp. 2164-2166.

BIBLIOGRAFIA

Aparicio Rodriguez A., voce «Castità», in Aparicio Rodriguez A. - Canals Casas J. M. (a cura di), Dizionario teologico della vita consacrata, Ancora, Milano 1994.

Attard F., voce «Castità», in Russo G. (a cura di), Enciclopedia di bioetica e sessuologia, Elledici, Leumann (Torino) 2004.

Bossi M., voce «Internet e sessualità», in Russo G. (a cura di), Enciclopedia di bioetica e sessuologia, Elledici, Leumann (Torino) 2004.

CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, Decreto Perfectae Caritatis.

CONFERENZA ITALIANA DEI MINISTRI PROVINCIALI CAPPUCINI, Progetto formativo dei Frati Minori Cappuccini italiani, Bologna, EDB, Bologna 2011.

CONFERENZA ITALIANA DEI MINISTRI PROVINCIALI CAPPUCINI, Abusi su minori e persone vulnerabili commessi da religiosi. Linee guida per le Province della CIMPCap, Roma, Aprile 2017.

Ferasin E., voce «Celibato», in Russo G. (a cura di), Enciclopedia di bioetica e sessuologia, Elledici, Leumann (Torino) 2004.

Franta H. - Salonia G., Comunicazione interpersonale, LAS, Roma 1979.

Frattallone R., voce «Castità consacrata», in Russo G. (a cura di), Enciclopedia di bioetica e sessuologia, Elledici, Leumann (Torino) 2004.

GIOVANNI PAOLO II, Esortazione apostolica Familiaris Consortio.

GIOVANNI PAOLO II, Esortazione apostolica postsinodale Vita Consecrata.

Grisez G., Le condizioni per assumere rettamente il celibato, in Seminarium 1 (2002).

Izzo L., voce «Castità», in Caroli E. (a cura di), Dizionario francescano, EMP, Padova 1995.

Izzo L., voce «Verginità», in Caroli E. (a cura di), Dizionario francescano, EMP, Padova 1995.

ORDINE DEI FRATI MINORI CAPPUCINI, Ratio Formationis, Roma, 8 Dicembre 2019, pp. 86-87.

Padovese L., voce «Affettività», in Russo G. (a cura di), Enciclopedia di bioetica e sessuologia, Elledici, Leumann (Torino), 2004.

Ridick J., I voti. Un tesoro in vasi di argilla. Riflessioni psicologico spirituali, Edizioni Piemme, Casale Monferrato, 1983; 2000.

Roggia G.M., voce «Verginità», in Russo G. (a cura di), Enciclopedia di bioetica e sessuologia, Elledici, Leumann (Torino) 2004.

Vàzquez A., voce «Voti religiosi», in Aparicio Rodriguez A. - Canals Casas J. M. (a cura di), Dizionario teologico della vita consacrata, Ancora, Milano 1994.

Vidal Garcia M., voce «Sessualità», in Aparicio Rodriguez A. - Canals Casas J. M. (a cura di), Dizionario teologico della vita consacrata, Ancora, Milano 1994.